Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

Neste dia da Visibilidade Trans, a *Revista do Correio* conta histórias de felicidade e de lutas das pessoas trans, que realizam seus sonhos apesar das dificuldades

POR AILIM CABRAL
E LETÍCIA MOUHAMAD*

Quando pensamos em nossas histórias de vida, quais são os acontecimentos que nos definem? Quando estamos em um encontro romântico ou iniciando uma amizade, o que gostamos de contar aos outros sobre nós mesmos?

Muitas vezes falamos sobre nossas carreiras, se estamos em um relacionamento ou não, se temos ou queremos ter filhos, se gostamos de sair para jantar e ir ao cinema ou se preferimos pedir um delivery e assistir um filme no streaming. Revelamos nossos sonhos e aspirações.

Quando homens e mulheres trans mencionam suas identidades de gênero, a conversa tende a tomar um rumo totalmente diferente. Existem aqueles que perguntam, de maneira incômoda, sobre o nome morto — que foi dado ao indivíduo, quando ele nasceu e retificado durante o processo de transição —, outros, até mesmo tentando demonstrar empatia, se condoem e perguntam sobre o preconceito, o sofrimento e a discriminação. Há ainda os que se deixam levar pela curiosidade e chegam a fazer questionamentos invasivos que jamais fariam a um indivíduo cis.

E, embora a transgeneridade seja, sim, um aspecto importante e muitas vezes motivo de orgulho e símbolo de resistência para essas pessoas, elas são — muito — mais do que sua identidade de gênero.

A dor da discriminação, os efeitos traumáticos da transfobia e a absurda quantidade de obstáculos extras que as pessoas trans enfrentam no mercado de trabalho, no sistema de saúde, na vida acadêmica, na hora de formar uma família e em todas as outras esferas sociais, são temas de profunda seriedade e importância.

Mas neste 29 de janeiro, Dia Nacional da Visibilidade Trans, queremos tratar de um outro tema tão importante e relevante quanto: a felicidade e realização de homens e mulheres trans que se recusam a virar estatísticas tristes e alcançam seus sonhos.

> "Não podemos esquecer que existe a dor de ser trans, mas mais forte ainda, existe o prazer de ser quem somos"
>
> **Dan Kaio,** 43 anos

Dan Kaio e a academia

Dan Kaio Souza Lemos, 43 anos, é antropólogo; mestre em antropologia; professor universitário; escreveu e publicou um livro; teve sua história contada no documentário *Transversais,* lançado na Netflix, tem um currículo lattes de dar inveja e é um homem trans.

O cearense sempre gostou de ler, escrever e estudar, mas largou os estudos aos 14 anos. Ele se sentia diferente, não se via como homem ou mulher e viveu situações impostas pelo seu gênero designado no nascimento que o feriam profundamente.

Suas características físicas, dentro de uma visão hegemônica do que a sociedade considera ideal, como a pele branca, olhos claros e cabelos lisos, o colocaram em uma posição de "rainha da escola", o que causava um intenso desconforto.

"Aos 10 anos, comecei a questionar roupas e certos comportamentos relacionados a gênero. Não sabia o que é ser trans ou não, mas questionava esses papéis e perfomances impostas dentro da binariedade".

O sofrimento que passava no cenário escolar enquanto era sempre colocado em um papel que não sabia viver ou interpretar e se tornando alvo comentários, deboche e discriminação quando se comportava e se colocava fora desse padrão, fez com que saísse da escola e deixasse de lado uma parte importante de si mesmo, a que gostava de estudar, questionar e entender o mundo.

Há cerca de nove anos, Dan Kaio encontrou uma pessoa que o incentivou a voltar para os estudos. Nesse período, terminou o ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), começou a primeira graduação e conquistou uma série de diplomas, cursos e especializações. Hoje, dá aulas na Universidade de Brasília (UnB), onde está cursando seu doutorado.

"Sofri várias situações de violência dentro da educação, mas resisti a tudo isso. Eu poderia ter deixado de estudar, senti a vontade de abandonar tudo em alguns desses momentos. Poderia ter virado uma estatística de suicídio, como acontece com tantos outros", lamenta.

Dan ressalta que seu potencial, tudo que ele aprende, ensina e traz como contribuição para a comunidade, poderia ter se perdido ou nunca existido em função da transfobia, da discriminação que o afastou da academia por tantos anos.

"Sei a minha potência e a de tantas outras pessoas trans que merecem e precisam ocupar esses espaços. O que nos prende e nos impossibilita são essas violências que vivemos diariamente".

Hoje, realizando o sonho de se tornar doutor, Dan Kaio se enxerga como uma pessoa feliz. Trilhando o caminho para um doutorado sanduíche no Canadá, sente-se honrado por poder ser uma referência para jovens trans e para outras pessoas que têm seus sonhos afastados em função da discriminação.

O antropólogo ressalta que as dores fazem parte da sua vivência, mas a felicidade também. Resistir não é fácil, mas ele garante que o faz todos os dias, em nome não só da própria felicidade, mas da de outras pessoas também.

"Não podemos esquecer que existe a dor de ser trans, mas mais forte ainda, existe o prazer de ser quem somos. De pertencer, de desconstruir para construir, de ser. E esse prazer em ser é uma forma de felicidade", completa.